

O desenvolvimento de coleções na biblioteca universitária: um olhar sobre as obras raras

Admeire da Silva Santos

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Mato Grosso.

Maíra Prado

Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina.

Resumo: A coleção formada em âmbito particular, ao contrário de uma coleção que pertence a uma instituição pública, não cresceu sob as diretrizes de uma política de desenvolvimento de coleção, ela se desenvolveu objetivando responder as questões subjetivas do colecionador. Nessa perspectiva, aponta-se o seguinte problema: por vez, a instituição não tem o conhecimento da simbologia que a coleção tinha para o colecionador, o que gera o esquecimento do sentido simbólico. Sendo a simbologia dada pelo colecionador o agente principal para a compreensão da coleção. Objetiva-se esclarecer o conceito de esquecimento simbólico e colocar em evidência a relevância de se discutir políticas de desenvolvimento de coleção. O método utilizado é o estudo de caso, cujo objeto foi a Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso. Os resultados apontam a necessidade de reflexão acerca da política de desenvolvimento de coleção e a revisão periódica de documentos e tratamento no que se refere a recebimento de coleção institucionalizada.

Palavras-chave: Desenvolvimento de coleção; esquecimento; obras raras.

The development of collections in university library: a look at the rare books

Abstract: The collection formed in particular context, as opposed to a collection belonging to a public institution, not grown under the guidelines of a collection development policy, it developed aiming to answer subjective questions of the collector.

From this perspective, points to the following problem: a time, the institution has no knowledge of the symbolism that the collection had to the collector, which leads to forgetting the symbolic sense. It is the symbolism given by the collector the main agent for the understanding of the collection. It aims to clarify the concept of symbolic oblivion and to highlight the relevance of discussing collection development policies. The method used is the case study, whose purpose was the Central Library of the Federal University of Mato Grosso. The results indicate the need for reflection on the collection development policy and the periodic review of documents and treatment with regard to receipt of institutionalized collection.

Keywords: Collection development; forgetfulness; rare works.

Introdução

Por meio da pesquisa a respeito da Coleção Amidicis Diogo Tocantins, situada na Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), constatou-se que a Coleção não possui tratamento devido ao fato de que a biblioteca não possui recursos financeiros para a capacitação de pessoal para o tratamento técnico adequado a essas obras. Estas são oriundas de uma coleção particular, e foram institucionalizadas após a morte do colecionador. A instituição as classifica como Obras Raras, e outras como Obras Especiais, considerando que “para definir uma obra como rara a análise terá de ser realizada em todo o contexto da qual a obra está inserida, para isso é preciso estudar a historicidade de determinada obra, isto é, fazer sua análise bibliológica” (SANTOS; ALBUQUERQUE, 2010). A questão da raridade, portanto, é uma questão circunstancial.

O que se observa é que trabalhar com acervos particulares, sejam eles raros ou não, exige tratamento e atenção especial por parte da instituição recebedora. Esse problema de ausência de tratamento ocorre em outras instituições públicas brasileiras, pois a ausência de recursos financeiros para a capacitação está relacionada a problemas de ordem cultural e econômica.

No decorrer da pesquisa foi observado que os profissionais bibliotecários não dispõem de recursos para a capacitação pessoal para o tratamento das obras, e outros problemas vão sendo gerados, tais como: má conservação e manutenção inadequada das obras, o que também resulta em outro problema, a deterioração das obras; redução do número de consultas, se as obras estão em más condições de manuseio, em

contrapartida, o acesso é restringido ou permitido apenas com a presença de um bibliotecário; outro problema abrange a ausência de informação a respeito da real importância do acervo, seja em âmbito social e/ou cultural; e a presença do esquecimento simbólico, o que aqui será interpretado como ausência do conhecimento a respeito dos significados que a coleção apresentava para o colecionador.

Este texto é fruto da releitura de um trabalho elaborado em 2010, cujo título é “Estudo do tratamento técnico das obras raras da Biblioteca Central da UFMT: uma proposta de manualização para os critérios de raridade bibliográfica”, artigo publicado como resultado parcial de uma pesquisa de graduação. Os problemas identificados no decorrer da elaboração do referido trabalho fizeram com que se refletisse a questão do desenvolvimento de coleção, levando em consideração a perspectiva do colecionador e da instituição recebedora. Dessa forma, construiu-se um diálogo em torno da relevância para a instituição em ter conhecimento da importância da coleção para o colecionador, evitando o esquecimento simbólico; e também das vantagens em se ter uma política para o desenvolvimento da coleção bem estabelecida.

O que se objetiva nesta comunicação é discorrer sobre esses problemas, partindo da experiência com a instituição citada e apresentar elucubrações a respeito das soluções para a problemática. Portanto, elaboramos neste trabalho uma discussão sobre política de desenvolvimento de coleção dentro das instituições, levando em consideração a presença de coleções especiais. O método utilizado no trabalho foi o estudo de caso (YIN, 2001), no qual se utilizou a proposição teórica para a análise dos dados e recapitulou-se toda a fundamentação teórica para analisar os dados a respeito do objeto estudado.

Almeja-se contribuir para o desenvolvimento de estudos em torno de coleções especiais no Brasil e também reacender a importância de se discutir questões em torno de políticas de desenvolvimento de coleções, levando em consideração situações extraordinárias, como o caso da presença de coleções especiais, seja na perspectiva da biblioteca universitária ou de outras instituições que também enfrentam a ausência de recursos para tratamento como uma barreira no tratamento de Coleções de Obras Raras e/ou acervos pessoais.

O desenvolvimento de coleção e a chegada de uma coleção particular

A universidade é uma instituição que objetiva a formação de pessoas nas mais diversas áreas do saber, sendo um ambiente multidisciplinar que envolve ensino, pesquisa e extensão. Portanto, a função da biblioteca universitária deve estar intimamente ligada à missão da universidade, auxiliando de forma informacional a promoção da capacitação dos membros da comunidade acadêmica: alunos, funcionários e docentes. A biblioteca universitária deve atender a demanda informacional dos cursos e demais setores, proporcionado à comunidade acadêmica respaldo para o desenvolvimento de suas atividades e, para isso, o acervo deve ser formado e crescer com o objetivo de cumprir essa função.

Para que essa meta seja cumprida e para que a biblioteca não cresça de forma desordenada, Vergueiro (1989) introduz a importância de se elaborar políticas para o desenvolvimento de coleções dentro de uma biblioteca. De acordo com o autor, as políticas são planejamentos que:

Trata-se de deixar clara a filosofia a nortear o trabalho bibliotecário no que diz respeito à coleção. Mais exatamente, trata-se de tornar público, expressamente, o relacionamento entre o desenvolvimento da coleção e os objetivos da instituição a que a coleção deve servir, tanto por causa da necessidade de um guia prático na seleção diária de itens, como devido ao fato de ser tal documento uma peça-chave para o planejamento em larga escala (VERGUEIRO, 1989, p. 25).

As políticas de desenvolvimento de coleção são importantes para a tomada de decisão de uma biblioteca, de maneira que esclareça o caminho que ela vai percorrer e direcione o seu crescimento. O documento não necessita ser extenso, mas sim preciso; e ser capaz de auxiliar os responsáveis pelo controle do desenvolvimento da coleção durante a execução de suas atividades.

Vergueiro (1989, p. 18) se baseia no modelo criado por Edward Evans e cita que o processo sistemático de desenvolvimento de coleção deve abarcar o “estudo de comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento e avaliação”.

Dentre essas etapas, Vergueiro (1989) salienta que, no panorama da biblioteca universitária, deve ser dada ênfase em desbastamento e avaliação de coleção. O autor

afirma que uma coleção deve pertencer a uma instituição quando possui vínculo com a comunidade.

Miranda (2006) afirma que a ausência de funções bem estabelecidas durante o processo de formação de políticas para o desenvolvimento do acervo e a carência de uma administração qualificada podem gerar problemas na biblioteca, sejam de ordem administrativa ou estrutural.

Após visitar várias bibliotecas universitárias pelo Brasil, Miranda pontua em seu trabalho que o número de bibliotecários em relação ao número de usuários era pequeno. Como resultado disso, os profissionais acumulam excesso de trabalhos voltados para o processamento técnico, ausentando-se assim no setor de referência. Miranda coloca que é por meio da avaliação do estudo de usuário, atividade usualmente relegada à referência da biblioteca, que a política de desenvolvimento de coleção pode se atualizar.

Nota-se que a biblioteca deve evoluir partindo de critérios, pois, sucintamente, o momento de seleção dentro de uma instituição corresponde ao momento de tomada de decisão administrativa, e que para isso se utiliza de alguns instrumentos, tais como catálogos de editores e folhetos, resenhas, bibliografias e lista de livros recomendados e instrumentos auxiliares na seleção de periódicos (VERGUEIRO, 1989). Portanto, inserem-se também os critérios que identificam coleções especiais, sendo eles elencados por Pinheiro (2001): limite histórico, valor cultural, aspecto bibliológico, pesquisa bibliográfica e a característica do material.

Quando se realiza uma reflexão sobre o significado da palavra critério, a ideia que passa é de limitação, na qual algumas coisas são excluídas e outras inseridas já que há a necessidade de se estabelecer prioridades correspondentes objetivamente à meta institucional. Vergueiro (1989) ressalta que esses critérios devem levar em consideração desde a adequabilidade do material ao tipo de biblioteca. Miranda (2007, p. 12) pondera que os critérios devem atender a dois pontos principais: “o interesse da comunidade a ser servida e os recursos financeiros destinados para a aquisição”. Dessa forma, no contexto institucional os critérios são essenciais para o cumprimento da meta e a objetividade no processo.

Quando Vergueiro (1989) fala sobre a aquisição por doação, ele argumenta que os critérios utilizados para recebimento de doação devem ser os mesmos utilizados para procedimento de compra. O autor afirma que isso deve ocorrer porque os gastos com uma coleção, independentemente da forma que chegou à biblioteca, será o mesmo no que diz respeito ao tratamento técnico e armazenamento.

Quando se inicia a leitura de Susan Pearce (2005), reconsidera-se o aspecto ressaltado no ponto de vista de Vergueiro (1989) sobre o tratamento dado aos materiais oriundos de doação: os materiais frutos de doação não chegam de uma forma branda, eles possuem um passado, e até que ponto esse passado das coleções se encaixa nas políticas de seleção da instituição? E até que ponto esse passado deve ser levado em consideração?

Acredita-se que a instituição pode receber coleções formadas anteriormente, desde que tal ação faça parte da política da instituição. No entanto, para que a chegada de uma coleção formada por colecionador componha as políticas de uma instituição é preciso criar um método para trabalhar as coleções especiais, pois cada uma delas tem sua particularidade, e tais especificações podem ser relevantes no momento de sua avaliação, se deve permanecer no acervo ou ser descartada.

Vergueiro (1989) defende que a preocupação com as obras doadas deve estar inserida na política de desenvolvimento de coleção; salienta também que a instituição deve se preocupar com a conservação e restauração das coleções. No entanto, acredita-se que é necessária também uma preocupação em torno do passado da coleção, principalmente no significado da coleção para o antigo proprietário.

Fundamentado na leitura sobre desenvolvimento de coleção, acredita-se que toda instituição deve direcionar o crescimento de seu acervo. É recomendável também que os profissionais elaborem um documento para avaliação da coleção.

Por meio da experiência com coleções raras e especiais é percebida a necessidade de se elaborar políticas para o desenvolvimento de coleção, uma vez que sua ausência contribui para o surgimento de diversos problemas. Esta pesquisa traz como um dos problemas a presença do esquecimento simbólico.

O esquecimento simbólico

Convivemos com a constante necessidade de conhecer nosso passado, pois como afirma Pollak (1989), a memória possibilita a coerência social:

A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis (POLLAK, 1989, p. 7).

O tempo em que esse constante trabalho de coesão do grupo ocorre é o presente, pois Pollak (1991) afirma que a memória é um tipo de herança.

A memória também sofre flutuações que são funções do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória (POLLAK, 1992, p. 4).

Entendendo a memória como esse fenômeno que estrutura a sociedade e que, para Le Goff (1990), inicia-se no campo mental e depois é exposta, é que o esquecimento será refletido aqui como categoria da memória. Se a memória é o resultado de um processo de organização, com afirma Pollak (1992), nesse processo algumas coisas são descartadas e outras reconsideradas.

Monteiro e Carelli (2007) elaboram uma discussão em torno do esquecimento no contexto do ciberespaço, trazendo essa reflexão para o campo da ciência da informação. Dentre as pontuais discussões apresentadas pelas autoras, cabe dar atenção ao fato de que elas interpretam o esquecimento como algo positivo para a possibilidade de novas criações, uma vez que este, sendo categoria da memória, permite a permanência de novas memórias.

Retomando a discussão, “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9). O que se capta nas colocações de Sarlo é a importância de trazer as recordações para o presente, pois assim a memória se solidifica; essa tomada do passado pode gerar na memória novas configurações, mas é necessária para que a coerência do grupo seja mantida.

A partir da compreensão sobre memória para o campo da biblioteconomia, na qual uma coleção de livros raros e/ou especiais será refletida na perspectiva dos “lugares de memória”, teoria de Pierre Nora (1981), abordagem adotada aqui, é que iniciamos a discussão a respeito da importância de se ter conhecimento a respeito do passado da coleção e sobre as abordagens existentes. O autor parte do princípio de que a memória não existe mais e que é preciso se estabelecer lugares para ancorar as memórias, portanto, o livro, no caso a Coleção Amidicis Tocantins, seria a representação de um passado, seja este do colecionador ou o passado social (SANTOS; BIZELLO, 2014).

Susan Pearce (2005) afirma que o passado da coleção transmite determinado tipo de informação. Assim, o conjunto de características de uma coleção é que determina sua tipologia. A autora nos apresenta três tipos de coleção: a coleção como lembrança, como objeto de fetiche e como sistemática.¹

No primeiro ponto, a coleção como lembrança tem o papel de proporcionar ao proprietário a volta ao fato que ele representa, e esse fato pode estar ligado às relações interpessoais, fato ou fenômeno ligado à pessoa.

A coleção como fetiche caracteriza-se como aquela que apresenta objetos repetidos e, aos olhos de quem aprecia, é possível encontrar objetos considerados iguais, pois a diferença da peça não está em sua estrutura física, mas em sua representatividade subjetiva.

E, por fim, a coleção sistemática é interpretada como o tipo de que apresenta sua ordenação bem estabelecida e usualmente relacionada à sua finalidade e motivo de criação.

O que vale ressaltar é que essa característica é concedida pelo colecionador que, além de determinar o rumo da coleção, especifica também a relação com as próprias lembranças.

Acredita-se que esse passado está intimamente ligado à forma como a coleção é organizada.

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum (SARLO, 2007, p. 24).

A compreensão de simbólico neste trabalho volta-se para o sentido de alegoria, mais especificamente, é o significado dado pelo colecionador à sua coleção. Tal significado não está necessariamente ligado ao porquê da coleção, mas sim a o que realmente a coleção representa.

Conhecer o passado de uma coleção e o seu significado para o colecionador ressalta a importância da compreensão das suas nuances e ainda estabelece uma relação

¹ Collections as souvenirs, as fetish objects and as systematic.

com os objetivos da instituição: não é tarefa fácil. No entanto, torna-se necessário para a instituição que queira manter acervos institucionalizados.

No momento de elaboração do documento de avaliação da coleção deve-se levar em consideração quatro aspectos como parte dos critérios da política: a importância da coleção para o colecionador, a importância do colecionador para a comunidade, a relevância das obras para a sociedade e, se possível, o que a coleção significava.

Espera-se que essas elucubrações continuem em uma próxima pesquisa e tragam para a ciência da informação a importância de rediscutir tais aspectos na área.

Considerações

Estas reflexões apresentam um ponto em comum crucial: é necessário se rediscutir a formação e o desenvolvimento de coleção. Isso é válido não apenas para a resolução de problemas relacionados a acervos oriundos de coleções particular, como foi discutido aqui, mas também devido à reformulação das bibliotecas com a presença da tecnologia como parte impreterível no cotidiano dos usuários e da biblioteca.

Pode-se conjecturar sobre a problemática pensando nas instituições que recebem o acervo e não possuem capacitação e recursos, mas o primeiro passo é refletir na perspectiva das políticas de desenvolvimento de acervo. A política deve ser elaborada e periodicamente revisada, pois se acredita que assim como o conhecimento é algo contínuo, as políticas dessas instituições devem acompanhar sua velocidade.

O segundo passo é a elaboração de documentos e formulários pela instituição, que devem ser primordiais no momento da doação ou compra, pois como afirma Susan Pearce (2005), as obras não chegam de forma branda, elas possuem um passado. E quando se trata de uma coleção particular, o passado da coleção está intimamente ligado ao passado de seu colecionador. Os bibliotecários devem orientar o andamento da biblioteca por meio de manuais e políticas, porém não se deve desconsiderar a simbologia que a coleção tinha para o colecionador, já que a mensagem que ele quis passar pode contribuir também para o desenvolvimento de novas pesquisas, bem como solucionar lacunas existentes sobre a importância de determinada obra ou a possibilidade de mediar novas informações.

O artigo é baseado no contexto da Biblioteca Central da Universidade Federal do Mato Grosso, a qual enfrenta atualmente problemas referentes ao tratamento de suas coleções especiais. Contudo, acredita-se que o problema de ausência de conhecimento

da simbologia do acervo é uma realidade enfrentada por diversas bibliotecas universitárias.

Referências bibliográficas

DIAS, Geneviane Duarte; SILVA, Terezinha Elisabeth da; CERVANTES, Brígida Maria Nogueira. Política de desenvolvimento de coleções para documentos eletrônicos: tendências nacionais e internacionais. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 42-56, mai.-ago. 2012.

LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MIRANDA, Antonio. *Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática*. Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/BIBLIOTECA_UNIVERSITARIA_.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MONTEIRO, Silvana Drumond; CARELLI, Ana Esmeralda. Ciberespaço, memória e esquecimento. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. *Anais eletrônicos...* Salvador: Ancib, 2007, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT1--104.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história: o problema dos lugares. *Projeto História: revista do Programa de Estudos de Pós-Graduação em História da PUC-SP*, São Paulo, v. 10, p. 12-13, jul.-dez. 1993.

PEARCE, Susan. *Interpreting objects and collections*. New York: Routledge, 2005.

PINHEIRO, Ana Virginia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<http://www.esnips.com/doc/71d21837-de1c-427a->>. Acesso em: 14 nov. de 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

SANTOS, Admeire da Silva; ALBUQUERQUE, Ana Cristina. Estudo do tratamento técnico das obras raras da Biblioteca Central da UFMT: uma proposta de manualização para os critérios de raridade bibliográfica. Disponível em: <file:///C:/Users/Admeire%20Santos/Downloads/9619-11975-1-PB.pdf>. Acesso em: 10 nov. de 2015.

SANTOS, Admeire da Silva; BIZELLO, Maria Leandra. O livro como um lugar de memória: o caso da Coleção Amidicis Tocantins. Anais de evento. Disponível em: <<http://ontologia.ibict.br/bitstream/123456789/523/1/GT10ENANCIB.pdf>>. Acesso em: 10 nov. de 2015.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Belo Horizonte: Companhia das Letras, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis; APB, 1989.

_____. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21. jan.-abr. 1993.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.